

# Amantes das Musas: André de Resende escreve sobre Luísa Sigeia

## Lovers of Muses: André de Resende on Luísa Sigeia

GIL CLEMENTE TEIXEIRA<sup>1</sup> (*Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa — Portugal*)

**Abstract:** In the 16th century, following the passing of Luísa Sigeia (1522-1560), humanist author André de Resende wrote a poem in Latin on the sad occasion and had it printed, in 1561, in the typographical workshop of Germão Galharde's heirs. It was, however, its subsequent publication in France that would ensure its wider circulation. Considered by José María Maestre Maestre (2019) as a "politically incorrect" funeral poem, in this article we revisit this text, not only to make it available in Portuguese, but also to reflect upon it. After all, Neo-Latin literature may still offer fertile ground for interrogation.

**Keywords:** André de Resende; Luísa Sigeia; Poem *Ludouicæ Sigææ Tumulus*.

### 1. De Luísa Sigeia a André de Resende, coabitantes da República das Letras

Vários autores de geografias diferentes têm escrito sobre a distinta mulher de letras quinhentista que foi Luísa Sigeia<sup>2</sup>. Luísa nasceu em Toledo, em data muito discutida: a proposta de Léon Bourdon, 1522, é a mais consensual. Filha de Diogo Sigeu<sup>3</sup> e de Francisca de Velasco, aia da Infanta D. Maria juntamente com a irmã, Ângela Sigeia, Paula Vicente (filha de Gil Vicente) e

---

Texto recebido em 26.10.2020 e aceite para publicação em 25.10.2021.

<sup>1</sup> gilteixeiradoc@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0001-7382-3225>;  
<https://www.cienciavital.pt/pt/DB15-3877-A720>.

<sup>2</sup> Sobre Luísa Sigeia pode ler-se o verbete a ela consagrado na base de dados *Escritoras. Women Writers in Portuguese before 1900* [Em linha]. Lisboa: FLUL. Disponível em: <http://www.escritoras-em-portugues.eu/home> (consultado em 30/10/2021).

A bibliografia que nele consta é ampla e representativa. Porém, uma bibliografia mais ampla sobre esta autora pode ler-se no blog de Raul Amores Pérez:

<https://luisasigeadevelasco.blogspot.com/>

Cumpra completar estes repositórios bibliográficos com os vários trabalhos recentes de José María Maestre Maestre. Consultar bibliografia de MAESTRE MAESTRE (2019).

<sup>3</sup> Sobre este autor e a sua vida tão itinerante quanto nublada, consulte-se o artigo recente de MONTEIRO (2019). Entre outros tópicos interessantes, nele se lembra a hipótese de Diogo Sigeu ter conhecido André de Resende na Universidade em Alcalá de Henares. A investigadora refere também uma carta latina de Diogo Sigeu para Miguel de Cabedo incluída na 2.<sup>a</sup> edição da obra *De Antiquitatibus Lusitaniae* (1597) de André de Resende, a qual transcreveu na sua dissertação (2019) 202.

Joana Vaz, Luísa Sigeia casou com Francisco de Cuevas por volta de 1552 e dele teve apenas uma filha, Juana. A data da morte também é discutida, mas 1560 parece ser a hipótese correta. Catarina Cunha MONTEIRO (2019) trabalhou com detalhe a biografia desta autora e da sua irmã, Ângela Sigeia, na sua dissertação de mestrado.

Conhecida pela sua erudição, dominava vários idiomas: latim, grego, hebraico, siríaco, caldeu, árabe, francês, toscano. Sabe-se que o seu domínio das línguas clássicas se deveu ao ensino do pai, Diogo Sigeu: “Aos desvelos d’elle e em parte também à amizade que em Toledo o ligava a outros humanistas eminentes, devia Luisa a vantagem de ter aprendido na mais tenra infância a língua de Vergílio e de Homero”<sup>4</sup>. Diogo Sigeu foi professor de línguas clássicas de vários nobres, entre eles os filhos de D. Jaime de Bragança (1479-1532), o quarto duque de Bragança. Além do conhecimento humanista, ao pai deve a integração na corte portuguesa.

A sua obra é composta pelo poema *Syntra*, o diálogo bucólico *Duarum Virginum Colloquium de vita aulica et privata*<sup>5</sup> publicado em 1562 em França, e um grande número de cartas, algumas já traduzidas para português<sup>6</sup>. Excluída da sua obra encontra-se *Aloisiae Sigeae Toletanae Satyra sotadica de arcanis amoris et Veneris. Aloisia Hispanice scripsit, Latinitate donavit Joannes Meursius V. C.*, obra de cariz pornográfico associada injustamente à pudica Sigeia por Nicolas Chorier, em 1660. Segundo Costa Ramalho, a esta ironia do destino se deveu, em parte, a memória ainda viva de Luísa Sigeia nos nossos tempos<sup>7</sup>.

A sua obra principal foi, sem dúvida, o poema *Syntra*, dedicado à infanta D. Maria (filha do rei D. Manuel e de sua terceira mulher, D. Leonor, irmã de Carlos V), provavelmente escrito cerca do ano de 1546. Foi impresso em 1566, graças ao interesse de Jean Nicot (1530-1600), embaixador da França na corte portuguesa entre 1559 e 1561; em 1781; em 1862, em França por Allut; em 1880,

---

<sup>4</sup> VASCONCELOS (1994) 39.

<sup>5</sup> Este diálogo foi editado e traduzido para francês por SAUVAGE (1970). Pode ler-se uma análise breve do texto em NASCIMENTO (1995).

<sup>6</sup> A tradução portuguesa pode ler-se em *Uma Antologia Improvável* (2013) 432-439. PRIETO CORBALÁN (2007), na sua tese de doutoramento, editou, traduziu para castelhano e estudou o epistolário latino de Luísa Sigeia.

<sup>7</sup> RAMALHO (1969-1970) 412.

em Portugal, publicado por José Silvestre Ribeiro; em 1903, pelo Conde de Sabugosa<sup>8</sup>; em 1905, em Espanha, por Serrano y Sanz, e em 1972 por Odette Sauvage. Para Carolina Michaëlis de Vasconcelos, este é “o seu melhor escrito”<sup>9</sup>.

Luísa Sigeia foi elogiada por vários humanistas de Quinhentos (italianos, castelhanos, portugueses)<sup>10</sup>. O italiano Girolamo Britonio, no seu poema *Ulysbonae regiae Lusitaniae urbis Carmen*, editado em 1546, elogiou-a<sup>11</sup>. Foi este humanista o intermediário entre Sigeia e o papa Paulo III. Costa Ramalho sistematiza o elogio que é feito à dama:

*A jovem Sigeia, segundo Britónio, além de ser a maravilha intelectual da Natureza (Quam sibi Naturae studium quasi praetulit unam), possui uma voz agradável, toca admiravelmente, e a estes dotes alia ainda a formosura do corpo, como se nela coexistissem Minerva e Vénus*<sup>12</sup>.

Nome cimeiro no panorama do humanismo português, André de Resende<sup>13</sup> escreveu um conhecido epitáfio à jovem Sigeia: “*Haeic sita Sigaea est. Satis hoc. Qui caetera nescit, barbarus est, arteis nec colit ille bonas.*”<sup>14</sup>, traduzido já por José Silvestre Ribeiro: “Aqui jaz Sigeia, isto basta; quem ignora o mais, quem necessita de explicações, é bárbaro, nem cultiva as boas artes”<sup>15</sup>. Sobre Luísa, o padre dominicano escreveu também uns versos latinos numa carta dirigida à Infanta D. Maria, impressa pela primeira vez em 1551:

*A outra é Sigeia, donzela admirável,  
a quem a natureza poderosa de tal forma fez nascer,  
que era mulher para poder exprobar aos homens  
a sua vida indolente  
e fazer corar profundamente os ociosos.  
Na verdade, não cessa, dia e noite, de folhear  
as obras latinas, aqueias e moisaicas,  
e, diligente, estuda a fundo os poetas de Jerusalém.*

<sup>8</sup> Pode ler-se uma tradução portuguesa em SABUGOSA (1989) 255-257.

<sup>9</sup> VASCONCELOS (1994) 39.

<sup>10</sup> BOURDON e SAUVAGE (1970) 21.

<sup>11</sup> RAMALHO (1969-1970) 413-414.

<sup>12</sup> RAMALHO (1969-1970) 411.

<sup>13</sup> Para uma visão panorâmica da vida e da obra deste humanista, ler o verbete de PEREIRA (2011).

<sup>14</sup> Pode ler-se em RESENDE (1981).

<sup>15</sup> RIBEIRO (1880) 15.

*Além disto, avança, sem receio,  
 pelos escolhos aqueménios e asperezas árabes,  
 versada em cinco línguas, enquanto que  
 aqueles que se atrevem a declarar-se sábios,  
 não se envergonham, sequer, de ignorar o latim.  
 Basta que saibas isto<sup>16</sup>.*

Dedicou-lhe ainda um poema intitulado *Ludouicæ Sigææ Tumulus* (*Túmulo de Luísa Sigeia*)<sup>17</sup>, datado de 1561, um ano após a morte da autora, e impresso em Lisboa pelos herdeiros de Germão Galharde<sup>18</sup>. Voltou, porém, a ser impresso em 1566, em França, juntamente com o poema *Syntra*<sup>19</sup>. Como ainda não possui tradução portuguesa de que tenhamos conhecimento (pelo menos de fácil acesso), será apresentado neste artigo o texto latino, acompanhado de uma proposta de tradução.

Para o estabelecimento do texto latino, usamos a edição fac-similada da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, datada de 1981, pois reproduz a primeira impressão do texto (1561). Assinalamos em nota de rodapé as vezes em que utilizamos opções da edição de 1566 por se revelarem mais adequadas. Clarifiquemos que não anulamos os arcaísmos resendianos, o que se verificou na segunda edição do poema, pois, como bem lembrou Sebastião Tavares de Pinho:

---

<sup>16</sup> DOMINGUES (1975–1976) 65. O original latino acompanha a tradução.

<sup>17</sup> MATOS (2018), estudioso profundamente dedicado da vida e da obra de André de Resende, referindo-se a este poema resendiano, afirma, justificadamente, que não foi possível confirmar a informação sobre este impresso de 1561. p. 26. Deve esclarecer-se, porém, que o poema à morte de Luísa Sigeia não foi publicado por SERRANO Y SANZ, como afirma este autor (cf. nota de rodapé 38, p. 24). Em SERRANO Y SANZ, na página 400, encontram-se os versos resendianos dedicados a Luísa Sigeia na carta à Infanta D. Maria e que acima se citaram em tradução.

<sup>18</sup> A Biblioteca Nacional de Portugal assinalou os 500 anos de tipografia no país com uma exposição dedicada precisamente ao francês Germão Galharde (setembro a dezembro de 2020). Sobre esta primeira edição do poema em estudo, cuja versão impressa parece, de facto, ter-se perdido, ler a informação de JÜSTEN (2020) 310. Resta-nos uma edição fac-similada publicada em 1981, consultável como usual da Sala de Leitura de Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal (cota de usuais 09 RES / cota do depósito L. 82958 P).

<sup>19</sup> Consultável fisicamente na sala dos microfimes da Biblioteca Nacional de Portugal (cota F. 2205). Ver ALLUT (1862) 19-22.

*Em matéria de ortografia, André de Resende apresenta algumas características muito próprias, que se manifestam no gosto por certas formas arcaicas ou arcaizantes, que ele usa de modo sistemático, consciente e motivado e que, por isso e sempre que elas não colidem frontalmente com o rigoroso sentido do texto, nós respeitámos<sup>20</sup>.*

Fizeram-se poucas intervenções no texto, seguindo os critérios usados por Sebastião Tavares de Pinho na fixação do texto latino da obra *As Antiguidades da Lusitânia* no volume publicado nos *Portugaliae Monumenta Neolatina* (2009)<sup>21</sup>:

- de acordo com a ortografia clássica do latim, utilização dos grafemas *i* e *u*, substituindo os grafemas ramistas [j] e [v];
- uniformização pela forma mais correta, por exemplo “*secula*” para “*saecula*” e “*litera*” para “*littera*”;
- pequenos ajustes na pontuação;
- os 53 dísticos foram numerados para facilitar a identificação dos passos.

---

<sup>20</sup> RESENDE (2009) 40.

<sup>21</sup> RESENDE (2009) 39-42.

## 2. Poema *Ludouicae Sigaeae Tumulus* de André de Resende

1. OBCVBVIT *Sigaea*, decus telluris Iberae,  
Ac aevi, ac sexus, gloria prima sui.
2. *Maeritis caramque Deae lugetis alumnam,*  
*Vestraque iustitio*<sup>22</sup> *squalida templa silent?*
3. *An mage Sigaeam Musae gaudetis ademptam,*  
*Quod par ter ternis una Deabus erat?*
4. *Maeritis certe. Nam nec bona numina liuent,*  
*Muneribusque suis, si qua dedere, fauent.*
5. *Ergo agite, obclusum quamuis mihi pandite montem:*  
*Non per ego illicitum tendo profanus*<sup>23</sup> *iter.*
6. *Nam licet a uobis retrahat me iniuria fati,*  
*Vester, ut ante fui, sum modo; uester ero.*
7. *Audiuere nouem faciles mea uota Camenae,*  
*Et secreta iugi sunt patefacta sacri.*
8. *Imparibus mihi uisa modis fas esto referre,*  
*Quique habitus merita, funeris instar, honos.*
9. *Iuxta Hippocrenen viridi de cespite*<sup>24</sup> *factus;*  
*Et pulla tumulus ueste adoportus erat.*
10. *Circum aderant Musae: quarum quae maxima, luctus*  
*Praefica, sic orsa est*<sup>25</sup>, *subcinuitque chorus:*

### **Calliope.**

11. *Plangite Sigaeam, quantum fas plangere diuas,*  
*Et date funereum carmen ad exsequias.*

### **Musae.**

12. *Qua fas iusque tenus, Sigaeam plangimus omnes,*  
*Funereumque damus carmen ad exsequias.*

<sup>22</sup> *Iustitium*: férias dos tribunais, suspensão de quaisquer negócios.

<sup>23</sup> Relembre-se Horácio e o seu “*Odi profanum vulgus et arceo.*” que abre o terceiro livro dos *Carmina*.

<sup>24</sup> 1561: *cospite* / 1566: *cespite*.

<sup>25</sup> Note-se a beleza do verbo *ordior*, *iris*, *iri*, *orsus sum*, que tanto significa «começar, principiar», como «*urdir*, começar a tecer».

## Proposta de tradução do poema *Ludouicae Sigaeae Tumulus* de André de Resende

1. *Repousa no túmulo Sigeia, honra da terra Ibera,  
primeira glória do seu tempo e do seu sexo.*
2. *Lamentais e chorais, deusas, a cara aluna<sup>26</sup>,  
e os vossos templos, vestidos de luto, de portas fechadas, guardam silêncio?*
3. *Porventura alegrais-vos mais, Musas, com a morte de Sigeia,  
porque ela sozinha era rival das nove deusas?*
4. *Lamentais, certamente, pois as boas divindades não sentem inveja,  
e favorecem com os seus dons se alguém se lhes dedica.*
5. *Ide, pois, mostrai-me, tanto quanto possível, a vedada montanha<sup>27</sup>:  
eu não me dirijo, como ignorante, por um caminho interdito.*
6. *Pois é possível que por vós eu afaste a injustiça do destino.  
Vosso, como antes fui, sou somente; vosso serei.*
7. *Ouviram os meus votos as nove favoráveis Camenas<sup>28</sup>,  
e abriram-se os lugares retirados do cume sagrado.*
8. *De modo sem igual, ser-me-á permitido relatar o que vi  
e a homenagem, equivalente a um funeral, feita à jovem merecedora.*
9. *Junto a Hipocrene<sup>29</sup>, construído sobre um terreno verdejante  
e coberto com um tecido negro, estava o túmulo.*
10. *Em redor estavam as Musas. Destas uma, mais que todas, carpindo  
de dor, assim começou e, em resposta, o coro cantou:*

### **Calíope.**

11. *Pranteai Sigeia, o quanto é permitido prantearem as Musas,  
e concedei um fúnebre canto para as exéquias.*

### **Musas.**

12. *Até onde permitem as leis humana e divina, todas pranteamos Sigeia,  
e concedemos um fúnebre canto para as exéquias.*

---

<sup>26</sup> Optamos pela palavra “aluna” para sublinhar a matriz latina: no caso, aquela que é alimentada pela Musa.

<sup>27</sup> Hélicon.

<sup>28</sup> Ninfas de cantos proféticos, comumente identificadas com as Musas.

<sup>29</sup> Fonte da Beócia consagrada às Musas, que Pégaso fez brotar, batendo no chão com a pata.

*Cal.*

13. *Nulla fuit nostris instructor artibus umquam,  
Linguarumque fuit nulla perita magis.*
14. *Seu fando ad ueteres se componebat Athenas,  
Currebat passu cum Xenophonte pari.*
15. *Seu moderabatur Latia grauitate loquelam.  
Mirari Arpinas quam potuisset, erat.*
16. *Seu Solymos ritus et scrinia sancta petisset,  
Scriptaque ueridicis<sup>30</sup> Mosis originibus:*
17. *Non heros potuit facundius ille, reducti  
Qui populi doctor de Babylone fuit.*
18. *Siue ad Chaldaeos conuerterat ora Sophistas,  
Siue Arabum admorat ad monumenta manus:*
19. *Quum nihil haec lingua titubante rotaret, haberi  
Alterutris meruit iure diserta suo.*
20. *Quid, quod et Etrusce uoluit si dicere, Dantis  
Scripta uidebantur Tusca fuisse minus?*
21. *Galla putabatur, presso quum coeperat ore  
Gallica natiuo frangere uerba sono.*
22. *Risi ego tam multis uariantem os molle figuris  
Et, quid non dixi nostra puella potest?*
23. *Hanc ego suscaepi a tenera mihi rite dicatam,  
Suscaepiae adflastis numine quaeque suo.*
24. *Hanc, Lusitana quum iam mihi cresceret aula,  
Ablueram nostra, uos meministis, aqua.*
25. *Huic ego, Lunai quum montis Oreades<sup>31</sup> inter  
Virgo iret, carmen compositura nouum:*

---

<sup>30</sup> 1561: *veridici* / 1566: *veridicis*.

<sup>31</sup> 1561: *Oreadas* / 1566: *Oreades*.

**Calíope.**

13. *Nunca existiu nenhuma mais instruída nas nossas artes,  
e nenhuma houve mais versada nas línguas.*
14. *Quer, ao falar, se comparava aos antigos escritores atenienses,  
e corria pari passu com Xenofonte<sup>32</sup>,*
15. *quer dominava o falar com a gravidade do Lácio.  
Muito admirado ficaria o Arpinate<sup>33</sup>!*
16. *Quer procurava ritos sólimos<sup>34</sup>, escrínios<sup>35</sup> sagrados,  
e os escritos com as fontes verídicas de Moisés —*
17. *não pôde ser mais facundo<sup>36</sup> aquele herói  
que foi mestre do povo durante o exílio na Babilónia —*
18. *quer traduzia os sofistas para a língua dos caldeus,  
quer acolhia nas suas mãos documentos dos árabes.*
19. *Tendo andado à roda destas coisas, com língua nada vacilante,  
por todos mereceu ser considerada eloquente.*
20. *E por que razão, todas as vezes que quis falar toscano,  
pareciam ser menos toscanos os escritos de Dante?*
21. *Era considerada gaulesa, desde que começara a dominar, com fala concisa  
e com pronúncia nativa, palavras do idioma gálico.*
- (22. *Eu ri-me desta fala maleável, que de tantas formas varia,  
e disse: de que não é capaz a nossa jovem?)*
23. *Eu amparei desde tenra idade esta jovem a mim dedicada segundo os ritos,  
a qual, amparada pela sua grandeza, vós inspirastes.*
24. *Logo que por mim se engrandecesse na corte lusitana,  
eu a purificara com a nossa água, como vos recordais.*
25. *Eu própria, visto que a donzela caminhava entre as Oréades<sup>37</sup>  
do monte da Lua<sup>38</sup>, estive disposta a escrever-lhe um poema novo:*

---

<sup>32</sup> Historiador e filósofo grego do séc. V-IV a.C., discípulo de Sócrates.

<sup>33</sup> Cícero.

<sup>34</sup> De Sólima ou Jerusalém.

<sup>35</sup> Pequenos cofres, caixas.

<sup>36</sup> Latinismo que significa «eloquente».

<sup>37</sup> Ninfas da montanha.

<sup>38</sup> Sintra.

26. *Ira grauata comes<sup>39</sup> non sum, iuuique subinde  
Conantem facili texere<sup>40</sup> uerba pede.*

27. *Sintria testis erit, Sigaeae carmine longe,  
Quam tot regum opera, nobilitata magis.*

28. *Et nisi uirgineum thalamis uiolasset honorem  
Hac ultra noster cresceret ordo nouem.*

**Musae.**

29. *Talis erat, qualis per saecula<sup>41</sup> quinque decemque  
Non tetigit lucos erudienda sacros.*

30. *Virgineumque licet thalamis uiolarit honorem,  
Noster ea poterit grex superare nouem.*

**Calio.**

31. *Ecquam doctrinae, nobis fautricibus, ergo  
Reginae plures expetiere sibi?*

32. *Ecqua autem Mariae diuino principis ortu  
Aptius a studiis danda ministra fuit?*

33. *Ecquius nomen, quacumque aetate, puellae  
Plus doctorum hominum fama per ora tulit?*

34. *Quamque ea Pontificem permouit fama supremum,  
Littera<sup>42</sup> Pontificis laude referta docet.*

35. *Quod nisi uirgineum thalamis uiolasset honorem,  
Nuptum Dulichia tam procul urbe data,*

36. *Vnam plus Helicon dominam gauderet adeptus,  
Vnaque plus fontem hunc participaret hera.*

**Musae.**

37. *Scimus, et ingenio plus nulli indulsimus unquam,  
Nec plus institimus numine quaeque suo.*

---

<sup>39</sup> 1561: *Ire grauata comes* / 1566: *Ira grauata comas*.

<sup>40</sup> Verbo que significa “tecer, entrelaçar, entrançar”, etimologicamente ligado à palavra *textum* (“tecido, pano”).

<sup>41</sup> 1561: *secula* / 1566: *saecula*.

<sup>42</sup> 1561: *litera* / 1566: *littera*.

26. *não sou uma precetora oprimida pela cólera, e por isso ajudei-a quando tentou entrelaçar palavras em verso dócil.*
27. *Sintra será a testemunha no poema de Sigeia, de longe mais conhecida do que toda a obra que sai das mãos dos reis.*
28. *E se não tivesse sido violada a honra da donzela com o tálamo<sup>43</sup>, a nossa ordem de nove crescerá com mais uma.*

### **Musas.**

29. *De tal qualidade era a que, em quinze séculos, não chegou aos nossos bosques sagrados para ser instruída.*
30. *E ainda que o tálamo tenha violado a honra da donzela, o nosso grupo poderá com esta superar o número nove.*

### **Calíope.**

31. *Entre as nossas defensoras, haverá alguma que as rainhas mais cobicem pela sua sabedoria?*
32. *Mas há alguma aia que, desde o divino nascimento da princesa Maria<sup>44</sup>, tenha sido mais hábil nos estudos?*
33. *Algum nome de jovem, de qualquer geração, a fama mais celebrou pelas vozes dos homens sábios?*
34. *Esta fama comoveu o Sumo Pontífice, informa a carta cheia de louvor do Pontífice<sup>45</sup>.*
35. *Se não tivesse sido violada a honra da donzela com o tálamo, e fixado o casamento tão longe da cidade de Dulíquio<sup>46</sup>,*
36. *o Hélicon ter-se-ia alegrado com mais uma senhora, e mais uma soberana teria a sua parte nesta fonte.*

### **Musas.**

37. *Sabemos disso, e nunca concedemos a ninguém maior engenho, nem erguemos mais nenhuma à sua grandeza.*

---

<sup>43</sup> Em sentido literal, tálamo é o leito conjugal. Em sentido figurado, representa a união matrimonial.

<sup>44</sup> Referência à Infanta D. Maria.

<sup>45</sup> Trata-se da carta do Papa Paulo III (6 de janeiro de 1547) que acompanhou a edição francesa do poema *Syntra* (1566), em resposta a uma outra enviada pela própria Luísa Sigeia no ano de 1546.

<sup>46</sup> Cidade de Lisboa.

38. *Et quum Dulichia nuptum procul iret ab urbe,  
Non illam auspicio uidimus ire bono.*
39. *Nec quia uirgineam Zonam discinxerit Hymen,  
Sitque Dionaeo uincta marita jugo,*
40. *Idcirco illam Helicon dedignaretur adeptus,  
Aut decimam fons hic participatus heram.*

**Callio.**

41. *Plangite Naiades, Sigaeae fata Taganae,  
Vicinaeque Tago Dorides aurifluo,*
42. *Plangite: uadentem uestri per terga profundi  
Agmine cinxistis, uestrum erat illa decus.*

**Musae.**

43. *Nec dubium Tagides quin plangent funera nymphae,  
Nataque formosa Doride turba frequens.*

**Calio.**

44. *Nectite flexibileis hedera<sup>47</sup> uiuace corollas;  
spargite Paestanas terque quaterque rosas.*

**Musae.**

45. *Quin et flexibileis ramos nectemus Iasmes  
Sertaque leucoiis lilia purpureis.*

**Calio.**

46. *Audiat haec noster quoque Lucius ipse, puellam  
Qui coluit, sancta cultus amicitia.*
47. *Perferat et maesto nostra haec mandata parenti:  
Parce umbram lacrimis sollicitare<sup>48</sup> piam.*
48. *Inlustreis inter censebitur heroínas,  
Quas merito ingenii fama sacrauit anus.*

---

<sup>47</sup> 1561: *edera* / 1566: *hedera*.

<sup>48</sup> 1561: *lacrymis sollicitare* / 1566: *lacrimis sollicitare*.

38. *Visto que o casamento fosse longe da cidade de Dulíquio,  
não vimos a sua partida como um bom presságio,*
39. *nem porque Himeneu<sup>49</sup> tenha tirado o cinto da donzela virgem,  
e tenha sido presa, como esposa, pelo jugo de Dione<sup>50</sup>.*
40. *Por isso o Hélicon se recusou a adquiri-la,  
ou a repartir esta fonte com uma décima soberana.*

### **Calíope.**

41. *Pranteai, Náíades, os destinos da Tagana Sigeia,  
e vós, Dórides, próximas do Tejo aurifluo<sup>51</sup>,*
42. *pranteai: a que caminha pela superfície do vosso mar  
acompanhaste no seu curso, ela era a honra dos vossos.*

### **Musas.**

43. *Vamos, Tágides, sem hesitação pranteiem a morte da ninfa,  
e vós, turba numerosa nascida da formosa Dóris.*

### **Calíope.**

44. *Entrelaçai as maleáveis coroas com a hera vivaz,  
espalhai três e quatro vezes rosas de Pesto<sup>52</sup>!*

### **Musas.**

45. *Vamos, entrelacemos os maleáveis ramos de jasmim  
e a grinalda de lírios com purpúreas violetas.*

### **Calíope.**

46. *Ouçã isto igualmente o nosso Lúcio, ele que  
cultuou a jovem, porque nele estava cultivada uma santa amizade.*
47. *E leve estes nossos mandados ao triste pai<sup>53</sup>:  
abstém-te de inquietar a virtuosa sombra de Luísa com lágrimas.*
48. *Será nomeada entre as heroínas ilustres,  
que a velha fama consagrou pelo valor do seu engenho.*

---

<sup>49</sup> Deus do casamento.

<sup>50</sup> Vénus.

<sup>51</sup> Que faz rolar ouro.

<sup>52</sup> Cidade da Lucânia, afamada pelas suas rosas.

<sup>53</sup> Diogo Sigeu.

49. *Quin age, de gnata neptem mihi dede minore,  
Cui sacer a cunis imbuat ora liquor.*

50. *Quae, qua praeluxit matertera docta, sequatur;  
Sigaeae nobis impleat illa uicem.*

**Poeta.**

51. *Conquassus tonuit laeto mons omine, laeto  
Omine frondiferum mugit omne nemus.*

52. *Largius et fontes exundauere uagati,  
Et Lamus ab summo culmine creuit aquis.*

**Pausa, in Beot**

53. *Post quae, delituit subito turma illa dearum,  
Sublata ex oculis nube cadente meis.*

**Finis**

49. *Vamos, entrega-me a minha sobrinha mais nova,  
a quem a água sagrada<sup>54</sup> embebe a voz desde o berço.*

50. *Acompanhe-a, pois nela brilhou a sábia tia materna,  
e por nós realize aquela o destino de Sigeia.*

**Poeta.**

51. *O monte ribombou abalado pelo feliz voto, pelo feliz  
voto breme todo o frondoso bosque.*

52. *E as fontes transbordaram abundantemente,  
e Lamo<sup>55</sup> elevou-se das águas da alta montanha.*

**Pausa, na Beócia**

53. *Após isto, subitamente escondeu-se aquela multidão de deusas,  
levada dos meus olhos numa nuvem cadente.*

**Fim**

### 3. Pensar o poema de André de Resende

O poema de Resende, “uma magistral composição poética latina”<sup>56</sup>, enquadra-se no género clássico da elegia fúnebre. Nele fica evidente a fama de Sigeia nos anos 60 do século XVI.

É curioso analisar a encenação que é colocada nos olhos do leitor. O poeta André de Resende começa por estabelecer um diálogo com as Musas e desde o princípio do poema são tecidos elogios a Sigeia: ela é a *gloria prima* (dístico 1), *cara alumna* (dístico 2), semelhante às Musas (dístico 3).

Após pedido do poeta, é-lhe permitido entrar nos lugares recônditos (secreta) das Musas. O seu papel é, pois, o de testemunha da homenagem feita a Luísa no Hélicon. O poema vive desde o início de contrastes simbólicos do ponto de vista estético: ao verde do terreno junto de Hipocrene, a fonte que dá água aos poetas, opõe-se o negro do tecido sobre o túmulo (dístico 9). As Musas rodeiam-no, e o canto, eterno tecido de sons e de palavras, oscila entre Calíope

---

<sup>54</sup> Água da fonte do Hélicon.

<sup>55</sup> Nome dado a um filho de Hércules e de Ônfale, a um rei dos Lestrígonos ou, simplesmente, a um cavalo.

<sup>56</sup> RIBEIRO (1880) 10.

e as restantes filhas da Memória. O verbo *succino* (dístico 10) transmite precisamente a ideia de resposta a um canto, como o eco.

No dístico 11 inicia-se um diálogo cantado entre as Musas e, por isso, algumas vezes o leitor encontrará as mesmas ideias ditas por diferentes vozes locutoras. A primeira palavra de Calíope é intensa, na medida do modo em que aparece a forma verbal *Plangite* (imperativo do verbo *Plango*). Este verbo empresta uma sugestão visual ao texto, pois estabelece uma relação entre a dor sentida no âmago do ser e a sua manifestação física por meio de pancadas no peito, na cabeça, como sinal dessa dor. Calíope dará esta ordem mais duas vezes (dísticos 41 e 42). As Musas acedem à ordem de Calíope e o seu canto começa (dístico 12).

Na primeira intervenção de Calíope (dísticos 13 a 28), são louvados os dotes linguísticos de Luísa Sigeia, estabelecendo-se comparações com autoridades clássicas masculinas (Xenofonte no grego, Cícero no latim, Dante no toscano), não esquecendo, todavia, o domínio dos autores bíblicos, do hebraico, do caldeu, do árabe, do francês. Intrigará o leitor o facto de Luísa Sigeia não dominar a língua portuguesa? Ou de algum modo esse dado perturbaria o patriota André de Resende? Apenas interrompe este elogio o curioso dístico 22: a voz que profere este dístico decide *rir/sorrir* em pleno cenário fúnebre. Repentinamente, o poeta parece emergir no texto (não esquecesse o leitor que ele estava a assistir ao diálogo das Musas), pois não faz sentido pensar este dístico saído da voz de Calíope, musa que, mais do que todas, chorava. O que significará este riso, vendo que um pouco antes Calíope (não o poeta) considerara Luísa Sigeia superior a Dante? As Musas que choram e o poeta que ri: será esta uma oposição a considerar? Pergunta o poeta no mesmo dístico: *“Et, quid non, dixi, nostra puella potest?”*. Qual o tom que esta interrogação teria?

Perguntará o leitor: terão ouvido as Musas o riso do poeta? Pelo dístico seguinte, parece que não. Calíope continua a elogiar Luísa, sendo referido o poema *Syntra*, obra *“nobilitata magis”* / *“Quam tot regum opera”* (dístico 27). De acordo com o texto, a perenidade da poesia contrasta, afinal, com a efemeridade das obras do mundo. Sigeia só não alcançou o lugar de décima musa por não possuir a virgindade das Musas (dístico 28). Este ponto é reforçado por André de Resende de modo análogo noutros dísticos (30, 35 e 39), com

recurso a metáforas. Note-se o dístico 39: o Himeneu, divindade associada ao casamento, *tirara o cinto* (*Zonam discinxerit*<sup>57</sup>) da virgindade de Sigeia. Interessará lembrar o passo da *Iliada* de Homero no qual Vénus usa esta *cinta*: “Falou; e do peito desatou a cinta bordada e variegada, / na qual estavam urdidos todos os encantamentos: / nela está o amor, nela está o desejo, nela está o namoro / e a sedução, que rouba o juízo aos mais ajuizados”<sup>58</sup>. Num poema fúnebre, de louvor, intriga qualquer leitor este “gran escollo que incompreensiblemente Resende no silencia en su poema”<sup>59</sup>.

Novo discurso de Calíope (dísticos 31 a 36), discurso com sucessivas interrogações retóricas que sublinham a singularidade de Sigeia. O aceso e conhecido patriotismo do poeta não deixa, porém, de vir à tona: Sigeia não ascende ao Hélicon porque perdeu a virgindade no casamento, casamento (pormenor fundamental) realizado longe de Lisboa (referida como cidade de Dulíquio pela sua ligação mítica à figura de Ulisses). Leia-se o poema *Vincentius Leuita et Martyr*, publicado em 1545, para se entender o amor de André de Resende por Portugal, em especial por Lisboa. Curioso o final do discurso da musa: o Hélicon ter-se-ia alegrado (a forma usada é do verbo *gaudeo*) com mais uma senhora (*hera*, termo importado do grego). Depois do riso do poeta, fica registada esta alegria *apenas* possível se Sigeia tivesse sido *integralmente* dedicada às Musas. As Musas respondem, repetindo o canto escutado (dísticos 37 a 40).

Calíope apela ao canto de todas as náiades, do Douro e do Tejo (as quais, ao contrário de Himeneu, *cingiram*<sup>60</sup> Luísa, isto é, protegeram, rodearam, envolveram), e as Musas sublinham esse apelo. O canto continua alter-

---

<sup>57</sup> Dístico 39. MAESTRE MAESTRE (2019) sugeriu que este poema de Resende fosse um “probable telón de fondo” da carta escrita em nome de um *Scholasticus Toletanus* (hipoteticamente, Juan Álvarez de Toledo y Zapata) a Luísa Sigeia, falsificação literária de forte carga erótica. Uma das provas encontra-se na expressão latina citada que encontra o seu equivalente na expressão “*cingulum Veneris*” da controversa carta, formulação herdada de Homero via Erasmo de Roterdão, figura que seria cara ao autor da carta, claramente anticlerical. Cf. MAESTRE MAESTRE (2019) 201.

<sup>58</sup> II. XIV, 214-217. Tradução portuguesa de Frederico LOURENÇO.

<sup>59</sup> MAESTRE MAESTRE (2019) 173.

<sup>60</sup> É significativa a relação entre a forma verbal *cingistis* (dístico 42), aplicada às ninfas, e a anterior *discinxerit* (dístico 39), aplicada a Himeneu.

nado: Calíope usa a imagem clássica das rosas de Pesto, ao que respondem as Musas com jasmim, lírios e violetas.

Última intervenção da musa da poesia heroica: a referência ao poeta (*Lucius*<sup>61</sup>) não é de todo aleatória (como nada no poema). Fica clara a relação entre André de Resende e Sigeia (*sancta amicitia*) e a relação entre André de Resende e Diogo Sigeu: a mensagem da musa é de força e de esperança (*Parce umbram lacrymis solicitare piam.*). Repare-se: as Musas *que choram* aconselham o pai a interromper o seu choro. Afinal, Luísa Sigeia será contada entre as heroínas ilustres. O poema encerra com a voz do poeta, que descreve o impacto na natureza das palavras de Calíope: as formas verbais usadas espelham a sua força (*tonuit, mugit*). Por fim, as Musas escondem-se da vista do poeta: assim acaba o poema.

Não se pense, ingenuamente, que a única protagonista deste poema é Luísa Sigeia, visto que ao próprio poeta é atribuído um papel fundamental. Leia-se com atenção: Calíope lamenta a morte de Sigeia, mas também manifesta conhecer Lúcio (André de Resende). Aliás, ele é o *noster Lucius* (dístico 46), enquanto Luísa nunca chega a ser *nostra Sigaea*. Luísa Sigeia fica aquém de ser chamada *décima Musa*: falta-lhe a virgindade quebrada pelo casamento; já o poeta, padre dominicano, é *plenamente* consagrado às Musas: “*Vester, ut ante fui, sum modo; uester ero.*” (dístico 6). Ele próprio afirma não ser “*profanus*” (dístico 5), isto é, inculto, avesso às Musas.

A elegia tem uma forte tradição clássica e André de Resende não desconheceria o cânone de elegíacos latinos, apresentado num texto como a elegia décima do livro IV dos *Tristia* de Ovídio (Galo, Tibulo, Propércio e ele próprio)<sup>62</sup>. Nos clássicos aprendeu que um poema fúnebre vive de melancolia e de tristeza, que a poesia pode corrigir injustiças do destino (*iniuria fati*, dístico 6), no caso a morte prematura de Luísa, mas também que é fundamental, como prova de engenho, trair esses mesmos modelos clássicos.

---

<sup>61</sup> Na edição de 1566, lemos esta nota: “*Lucius pour Ludovicus. Le poëte parle ici de Luis Vives.*” Tal hipótese não parece fazer sentido, pois a data da morte de Luís Vives é 1540 e, portanto, não poderia ser este humanista a consolar Diogo Sigeu aquando da morte da sua filha.

<sup>62</sup> Ler a belíssima tradução de OVÍDIO (2017) feita por Albano MARTINS.

Importará brevemente evocar Camões, ponto de encontro dos clássicos e de modernos como André de Resende. Não deixa de ser pertinente comparar o poema sucintamente analisado neste ensaio com a elegia de Camões à morte de D. Miguel de Meneses<sup>63</sup>. O texto de Resende, padre dominicano de uma ortodoxia conhecida, entusiasta de hagiografias, usa o maravilhoso pagão, desde o cenário às personagens, dele arredando completamente o maravilhoso cristão. Pelo contrário, o texto de Camões, esse autor supostamente tão herético, além de invocar entidades pagãs, como Vénus, Apolo e as Musas, eleva D. Miguel àquela “torre do Céu, seguro e repousado, / onde, com Deus unida a forte e bela / alma, com teus maiores reluzindo, / por cada chaga tens ua clara estrela”<sup>64</sup>. Quão interessante seria que um crítico neo-clássico como o Padre Luís António Verney tivesse emitido um parecer sobre este curioso par de poemas destes dois autores com personalidades tão distintas.

Como foi demonstrado por José María Maestre Maestre, em congresso que organizou juntamente com Maria Cristina Pimentel e María Dolores Rincón<sup>65</sup>, este poema de André de Resende, impresso em França em 1566 com o poema *Syntra*, foi semente para a *Aloisiae Sigeae, Toletanae, Satyra Sotadica de arcanis Amoris et Veneris. Aloisia Hispanice scripsit, Latinitate donavit Joannes Meursius V. C.*<sup>66</sup> de Nicolas Chorier, publicada no mesmo país em 1660. Terá inspirado também a carta escrita em nome de um *Scholasticus Toledanus*<sup>67</sup> que citamos neste ensaio e que foi inclusivamente redatada por Maestre Maestre (a proposta da crítica tradicional situava-a no início dos anos 40 do século XVI e o investigador espanhol situa-a no século XVII). Pensaria André de

---

<sup>63</sup> CAMÕES (2019) 319-325.

<sup>64</sup> CAMÕES (2019) 324.

<sup>65</sup> Cf. J. M. MAESTRE MAESTRE, “De André de Resende a Nicolás Chorier: génesis y autoría de la *Satyra Sotadica de arcanis Amoris et Veneris* atribuida a Luisa Sigea”, *Congreso Internacional “Europa Renascens”*. *Latin y vernaculo en los Siglos de Oro* (Jaen- Baeza, 20-24 de noviembre de 2017).

<sup>66</sup> A obra narra as aventuras sexuais de Túlía e Octávia, e a primeira reveste-se, sem grande margem para dúvidas, de traços biográficos de Luísa Sigeia.

<sup>67</sup> Esta carta, assim como as *Dos cartas de Doña Luisa de Sigea a un cavallero sobre la soledad*, tem a finalidade de “crear una duda sobre la honradez de la humanista toledana o burlarse de la misma” MAESTRE MAESTRE (2019) 200.

Resende, autor que tanto admirou um *Aegidius Scallabitanus* (Frei Gil de Santarém)<sup>68</sup> ou que elevou ao estatuto de herói um mártir como São Vicente<sup>69</sup>, que o seu poema seria assim reescrito num barroco apreciador do burlesco e lido no século XXI como “políticamente incorrecto” ou “incompreensível”<sup>70</sup>?

De facto, a literatura novilatina ainda pode ser um lugar gerador de fecundas interrogações. Uma aparentemente simples e desinteressante elegia sobre a morte de Luísa Sigeia comprova esta afirmação. É verdade que a memória de Luísa se perpetuou pela palavra de um humanista movido por um profundo amor às letras e parece indiscutível a admiração do poeta por Sigeia (mesmo não o igualando em amor pátrio...). Resende diria certamente o mesmo que Ovídio: “Se algum valor / têm os meus louvores, tu viverás / nos meus versos para sempre”<sup>71</sup>. Não pode, porém, ser ignorada a importância dada à figura do poeta, personagem *crucial* no poema, que no retrato apresentado ao leitor fica *subtilmente* menos maculado do que a figura feminina objeto de louvor<sup>72</sup>. Afinal, não nos esqueçamos de que Luísa apenas pôde entrar no Parnaso *morta*, pois não se consagrou inteiramente às Musas em vida, amando-as ao mesmo tempo que amou *um marido*. Já André de Resende pôde entrar no Parnaso *vivo* (tão vivo que até pode sorrir/rir), fruto de uma relação privilegiada, porque *fiel*, com as Musas.

---

<sup>68</sup> Ver estudo de referência de V. S. Pereira. Cf. RESENDE (2000).

<sup>69</sup> Ver o poema *Vincentius Leuita et Martyr* (1545). Cf. TEIXEIRA (2018).

<sup>70</sup> MAESTRE MAESTRE (2019) 178.

<sup>71</sup> Fecho da elegia sexta do livro I dos *Tristia* de Ovídio. Citamos a tradução portuguesa de Albano MARTINS (2017).

<sup>72</sup> Não deixa de ser interessante para a nossa reflexão citar a nota 118 do trabalho de FREIRE (1916) em torno da biografia resendiana escrita por Francisco Leitão Ferreira, nota escrita precisamente no passo em que se refere o poema que estudamos, fruto da morte de Luísa Sigeia: “Neste anno de 1560 deve ter nascido o filho de André de Resende, por isso que em outubro de 1567, na carta de legitimação, se declara ser então de sete para oito annos de idade.” 76. Sobre a dita carta, ler a nota 148; sobre este suposto filho de André de Resende, ler a nota 245; sobre a sua referência no testamento do humanista, ler a nota 237.

## Bibliografia

- ALLUT, P. (1862), *Aloysia Sygea et Nicolas Chorier*. Lyon, N. Scheuring.  
Disponível em:  
[https://books.google.pt/books/about/Aloysia\\_Sygea\\_et\\_Nicolas\\_Chorier.html?id=mN3fDw-l2PkC&redir\\_esc=y](https://books.google.pt/books/about/Aloysia_Sygea_et_Nicolas_Chorier.html?id=mN3fDw-l2PkC&redir_esc=y) (acesso a 30/10/2021).
- Uma Antologia Improvável. A escrita das mulheres: séculos XVI a XVIII*. Organização de Vanda Anastácio. Lisboa, Relógio d'Água, 2013. (Fora de colecção).
- BOURDON, L. e SAUVAGE, O. (1970), "Recherches sur Luísa Sigea": *Bulletin des Études Portugaises*, nº 31. Lisboa, 33-176.
- CAMÕES, L. V. (2019), *Lírica*. Organização, introdução e notas de Maria Vitalina Leal de Matos. Silveira, E-Primatur.
- DOMINGUES, G. P. (1975-1976), "A "Sempre-Noiva". Carta de André Resende à Infanta D. Maria": *Humanitas XXVII-XXVIII*, S. 53-69.
- FREIRE, A. B. (1916). *Notícias da Vida de André de Resende, pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira*. Publicadas, anotadas e aditadas por Anselmo Braamcamp Freire. Lisboa, Arquivo Histórico Português.
- HOMERO (2012), *Ilíada*, 5ª edição, tradução de Frederico Lourenço. Lisboa, Livros Cotovia.
- JÜSTEN, H. M. (2020), *Para a História da Tipografia Portuguesa. A Oficina de Germão Galharde e de sua viúva 1519-1565*. Volume I. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal e Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.
- MAESTRE MAESTRE, J. M. (2019), "La carta en latín de un *Scholasticus Toletanus* a Luisa Sigea: misiva verdadera o falsificación literaria?": *Revista de Estudios Latinos (RELat)*, 19, 131-211.
- MATOS, M. C. (2018), *Um humanista europeu ante a Europa do seu tempo: trinta anos de estudos sobre André de Resende (1987-2017), Obras completas de Manuel Cadafaz de Matos. 10, Estudos de história do Humanismo e Renascimento*. Lisboa, Centro de Estudos de História do Livro e da Edição, Távola Redonda.
- MONTEIRO, C. C. (2019), *Quando as sombras ofuscam a luz. Luísa e Ângela Sigeia: estórias e histórias de vida no Portugal de Quinhentos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/65411> (acesso a 30/10/2021).

- MONTEIRO, C. C. (2019), «“Francés de nación, varón doctíssimo”: Diogo Sigeu, pai de Luísa Sigeia», *Librosdelacorte.es*, nº 19, año 11. Disponível em: <https://revistas.uam.es/librosdelacorte/article/view/ldc2019.11.19.004> (acesso a 30/10/2021).
- NASCIMENTO, M. T. (1995), “Luísa Sigeia: O diálogo no feminino”: *O Rosto feminino da Expansão Portuguesa*. Actas do Congresso Internacional. Lisboa, Comissão para a Igualdade, vol. I, 287-293.
- OVÍDIO (2017), *Poemas do desterro*. Selecção, apresentação, tradução e notas de Albano Martins. Porto, Afrontamento.
- PEREIRA, V. S. (2011), “Resende, André de”: *Dicionário de Luís de Camões*. Coordenação de Vítor Aguiar e Silva. Alfragide, Caminho, 841-845.
- PRIETO CORBALÁN, M.<sup>a</sup> R. (2007), *Epistolario latino. Luisa Sigea*. Valladolid, Editorial Akal (Colección de Clasicos Latinos Medievales y Renacentistas).
- RAMALHO, A. C. (1969-1970), “Notas de leitura. A propósito de Luísa de Sigeia.”, *Humanitas* XI-XII. Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas21-22/05\\_notas\\_de\\_leitura.pdf](http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas21-22/05_notas_de_leitura.pdf). (acesso a 30/10/2021).
- RESENDE, A. (1981), *Ludovicae Sigaeae tomvols*. Rio de Janeiro, edição facsimilada da ed. de Lisboa, 1561.
- RESENDE, A. (2000), *Aegidius Scallabitanus: um diálogo sobre Frei Gil de Santarém*, tradução de Virgínia Soares PEREIRA. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- RESENDE, A. (2009), *As Antiguidades da Lusitânia*. Introdução, tradução e notas de Raul Miguel Rosado FERNANDES. Estabelecimento do texto latino de Sebastião Tavares de PINHO. Coleção *Portugaliae Monumenta Neolatina*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- RIBEIRO, J. S. (1880), *Luiza Sigéa: breves apontamentos histórico-literários*. Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa. Disponível em: <https://archive.org/details/luizasigabreve00ribe> (acesso a 30/10/2021).
- SABUGOSA, C. (1989), *O Paço de Sintra / Conde de Sabugosa*. Reimp. anastática da ed. original. Sintra, Câmara Municipal, Gabinete de Estudos Históricos e Documentais. Disponível em: <https://archive.org/details/opaodecintrade00sabu> (acesso a 30/10/2021).
- SAUVAGE, O. (1972), “Sintra, poème latin de Luísa Sigea”, *Arquivos do Centro Cultural Português* (volume 5). Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 560-570.

- SERRANO Y SANZ, M. (1905), *Biblioteca de Autores Españoles. Apuntes para una Biblioteca de escritoras españolas. Desde el año 1401 a 1833*. Vol. II. Madrid, Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos. Disponível em: <http://bidicam.castillalamancha.es/bibdigital/bidicam/es/consulta/registro.cmd?id=11791> (acesso a 30/10/2021).
- SIGEIA, L. (1970), *Dialogue de deux jeunes filles sur la vie de cour et la vie de retraite [Duarum virginum colloquium de vita aulica et privata, 1552]*. Ed. et commentaire par Odette SAUVAGE. Paris, Presses Universitaires de France.
- TEIXEIRA, G. C. (2018), *Entre textos: da epopeia Vincentius Leuita et Martyr de André de Resende a Os Lusíadas de Camões*, dissertação de mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, FLUP. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/111672> (acesso a 30/10/2021).
- VASCONCELOS, C. M. (1994), *A infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas damas*. 2.<sup>a</sup> ed fac-similada. Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

\* \* \* \* \*

**Resumo:** No século XVI, após a morte de Luísa Sigeia (1522-1560), o humanista André de Resende escreveu um poema em latim sobre o triste acontecimento e imprimiu-o em 1561 na Oficina dos herdeiros de Germão Galharde. Porém, foi a publicação em França, em 1566, a responsável pela sua maior difusão. Reconhecido por José María Maestre Maestre (2019) como um poema fúnebre “políticamente incorrecto”, neste artigo regressamos a este texto, não só para o dar a ler em português, mas também para o pensar. Afinal, a Literatura Novilatina ainda pode ser um lugar de fecundas interrogações.

**Palavras-chave:** André de Resende; Luísa Sigeia; Poema *Ludouicae Sigaeae Tumulus*.

**Resumen:** En el siglo XVI, tras la muerte de Luísa Sigeia (1522-1560), el humanista André de Resende escribió un poema en latín sobre el triste suceso y lo imprimió en 1561 en el Taller de los herederos de Germão Galharde. Sin embargo, fue su publicación en Francia, en 1566, la responsable de su mayor difusión. Reconocido por José María Maestre Maestre (2019) como un poema funebre “políticamente incorrecto”, en este artículo, regresamos a este texto, no sólo hacerlo legible en portugués, sino también para pensarlo. Al fin y al cabo, la Literatura Novilatina puede ser un lugar de fecundas interrogaciones.

**Palabras clave:** André de Resende; Luísa Sigeia; Poema *Ludouicae Sigaeae Tumulus*.

**Résumé :** Au XVI<sup>ème</sup> siècle, après la mort de Luisa Sigeia (1522-1560), l’humaniste André de Resende a écrit un poème en latin sur ce triste événement et l’a fait imprimer en 1561 dans l’Atelier des héritiers de Germão Galharde. Cependant, c’est à sa publication en France, en 1566, que se doit sa plus grande diffusion. Dans le présent article, nous revenons à ce texte reconnu par José María Maestre Maestre (2019) comme un poème funèbre “politiquement incorrect”, non seulement pour le faire lire en portugais, mais aussi pour y réfléchir. En effet, la Littérature Novilatine peut encore être un lieu d’interrogations fructueuses.

**Mots-clés:** André de Resende; Luísa Sigeia; Poème *Ludouicae Sigaeae Tumulus*.